

UMA REVISÃO CRÍTICA DO PROÉMIO DOS *ARGONAUTICA* DE VALÉRIO FLACO (1, 1-21)

Ana Alexandra Alves de Sousa
Universidade de Lisboa

Valério Flaco compôs no primeiro século da nossa era um poema épico que ficou incompleto provavelmente por morte do poeta. Parece-nos difícil de aceitar a tese de C. W. Mendell, segundo a qual os *Argonautica* terão ficado apenas com oito livros, porque o seu autor não sabia como os concluir¹. A hipótese dos doze livros por semelhança com a *Eneida* é possível. Aliás, esse é o número de livros escolhido por Estácio (c. 40-96) para a *Tebaida*, poema épico sobre a expedição dos Sete contra Tebas, que iriam ajudar Polinices a recuperar o trono usurpado por Etéocles. Mas nem todas as epopeias do período imperial apresentam um número de livros coincidente com o que Vergílio escolheu². Se considerarmos que o segundo prólogo se encontra no meio do poema³, seriam oito os livros previstos. Na epopeia, a colocação de um segundo prólogo no meio da narrativa é um processo presente num poema que trata o mesmo mito, os *Argonautica*, de Apolónio de Rodes⁴. Com uma média de 700 versos por livro,

¹ C. W. Mendell, *Latin Poetry. The Age of Rethoric and Satire*, London, 1967, pp. 128-138.

² Lucano (39-65) compôs o poema *Bellum Ciuile* em dez livros, Sílio Itálico (c. 25-101) escreveu os *Punica* em dezassete livros.

³ Val. Flacc., *Arg.* 5, 217-ss.

⁴ A brevidade da epopeia da época alexandrina não satisfazia, porém, os gostos literários de uma época tão marcada pela retórica e pela tendência para efabulações

talvez mais 350 versos chegassem para resolver o dilema de Jasão: entregar Medeia a seu pai, traindo aquela que o ajudara, ou travar combate por ela, não obstante a posição dos seus companheiros, pouco entusiasmados a morrer pela jovem estrangeira.

Objecto, no século XX, de duas edições críticas pela Teubner (E. Courtney, 1970 e W.W. Ehlers, 1980), o texto do poema tem inúmeros passos difíceis de fixar; destes um dos mais importantes é, sem dúvida, o começo do livro I. Fazer uma leitura dos primeiros versos leva-nos a determinar quem são os imperadores celebrados, o que implica abordar a célebre e polémica questão da datação da obra⁵.

Não é possível precisar a data em que os *Argonautica* latinos foram interrompidos, mas, uma vez que Quintiliano observa *multum in Valerio Flacco nuper amisimus*⁶, a utilização do advérbio *nuper* permite-nos pensar nos anos de 91-2, em que Quintiliano escreve. Assim, V. Ussani⁷ situa a morte de Valério Flaco no reinado de Domiciano, em 90, e J. Strand⁸ fala em 85. G. Cambier, todavia, prefere não propor uma data concreta, considerando demasiado vago o testemunho de Quintiliano⁹. A própria datação do próemio é muito controversa. R. Syme¹⁰ e K. Scott¹¹, porque julgam ter encontrado alusões a aconteci-

mitológicas complexas como é o século I d. C.. Os dois livros da *Aquileida*, interrompida com a morte de Estácio, contam a história de Aquiles desde a época em que Tétis o afastou do centauro Quíron, que o educava. A deusa não queria que o filho percesse em Tróia, mas Ulisses descobriu-o, na ilha de Siros, apesar dos trajes femininos que envergava, e levou-o para Tróia. O poema termina abruptamente, faltando ainda narrar todos os feitos do herói até à sua morte, as atitudes dos companheiros e dos inimigos e as reacções dos deuses. Comprova este gosto por peripécias mitológicas a guerra entre Etéocles e Polinices, cujo tema Ésquilo tratou numa tragédia com 1077 versos (*Os Sete contra Tebas*) e Estácio, cinco séculos depois, utilizou para compor uma epopeia com mais de 9700 versos (*Tebaida*).

⁵ Lamentamos não ter podido consultar o recente trabalho de W. -W. Ehlers, "Neuere Arbeiten zur Datierung und Überlieferung der *Argonautica* des Valerius Flaccus", in *Ratis omnia vincet. Untersuchungen zu den Argonautica des Valerius Flaccus* hrsg. von M. Korn & H. J. Tschiedel, Hildesheim, 1991, pp. 17-34.

⁶ Quint., *Inst.* 10, 1, 90

⁷ V. Ussani Jr., *Studio su Valerio Flacco*, Roma, 1955.

⁸ J. Strand, "Notes on Valerius Flaccus' *Argonautica*", *Studia Graeca et Latina Gothoburgensia* 31, Stockholm, 1972.

⁹ G. Cambier, "Recherches chronologiques sur l'oeuvre et la vie de Valerius Flaccus", in *Hommages à M. Renard I*, *Latomus* 101, Bruxelles, 1969, pp. 191-228.

¹⁰ R. Syme, "The *Argonautica* of Valerius Flaccus", *Classical Quarterly* 23, 1929, pp. 129-ss.

mentos históricos ocorridos sob Domiciano, situam-no entre 89-92, época em que Valério Flaco teria trabalhado a segunda parte do poema. Mas esta tese foi bastante refutada¹². De forma mais ou menos explícita, a narrativa alude somente a duas datas: 70, o ano da destruição de Jerusalém por Tito¹³, e 79, o ano do terramoto que precedeu a erupção do Vesúvio¹⁴. A partir das palavras de Quintiliano e das referências temporais do próprio poema apenas podemos considerar inegável que a composição dos *Argonautica* abrangeu os reinados de Tito e de Domiciano.

Porque foi Vespasiano¹⁵ quem serviu Aulo Plácio, na Bretanha, cerca de um século depois das desastrosas expedições de Júlio César, a referência à Caledónia, no sintagma *Caledonius... oceanus*, constitui uma alusão àquele imperador. Valério Flaco celebra, portanto, os três Flávios: o pai e os dois filhos. E, se honrar Vespasiano ainda em vida, como defendem E. Wistrand, G. Cambier, E. Lefèvre¹⁶, J. Strand e A. J. Kleywegt¹⁷, os versos tornam-se mais coerentes e menos artificiais. Mas V. Ussani, na sequência de W. M. Terwogt¹⁸, pensa que o poeta homenageia um imperador morto e divinizado. No entanto, como salienta Kleywegt¹⁹, parece-nos que seria pouco eficaz uma dedicatória a um imperador que já tivesse morrido.

Uma vez que coube a Tito a destruição de Jerusalém, o substantivo *fratrem* do verso 13 diz-lhe respeito, e, por conseguinte, o descen-

¹¹ K. Scott, "The Date of the Composition of the *Argonautica* of Valerius Flaccus", *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica* 62, 1934, pp. 474-ss.

¹² Cf. V. Ussani, *Op. cit.*; G. Brugnoli, "Per la datazione del proemio di Valerio Flacco", *Studi Slentini* 17, 1964, 169-170; E. Wistrand, "Die Chronologie der *Punica* des Silius Italicus", *Studia Graeca et Latina Gothoburgensia* 4, Göteborg, 1956.

¹³ Val. Flacc., *Arg.* 1, 13-14.

¹⁴ Val. Flacc., *Arg.* 3, 208-9.

¹⁵ Cf. A. Momigliano, "Panegyricus Messallae and 'Panegyricus Vespasiani'", *Journal of Roman Studies* 40, 1950, 39-42 (reed. *Quarto contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico*, Roma, 1969, 523-529).

¹⁶ E. Lefèvre, "Das Prooemium der *Argonautica* des Valerius Flaccus. Ein Beitrag zur Typic epischer Prooemien der römischen Kaiserzeit", *Abhandlungen der Akademie des Wissenschaften in Mainz, Geistes-und sozialwissenschaftliche Klasse* 6, Wiesbaden, 1971.

¹⁷ A. J. Kleywegt, "Praecursoria Valeriana (I)", *Mnemosyne* 39, 1986, 313-347.

¹⁸ A. J. Terwogt, *Quaestiones Valerianae* (diss.), Amsterdam, 1898.

¹⁹ "It seems to me extremely improbable that a poet should dedicate his work to a deceased emperor, and adress him as still living" (*Op. cit.*, p. 321).

dente referido em *proles tua*, terá de ser Domiciano (*uersam proles tua pandit Idumen,/ sancte pater, Solymo nigrantem puluere fratrem/ spargentemque faces et in omni turre furentem*). O verbo *pandit* é utilizado, neste contexto, com valor literário²⁰, não ficando claro, todavia, se Domiciano foi o autor ou simples recitador do poema. Tácito e Suetônio testemunham que ele se dedicou à literatura, embora como forma de dissimular o verdadeiro carácter e a rivalidade que sentia relativamente ao irmão²¹. Lefèvre vê nestes versos uma nítida alusão ao *Carmen de bello Capitolino* composto por Domiciano. Strand e Kleywegt contestam a tese. Para Strand o poema sobre a guerra judaica não tinha sido composto por aquele. E Kleywegt pensa que a existir tal poema, este teria como protagonista o próprio autor. Mas, se na guerra quem se distinguiu foi Tito, como poderia Domiciano arvorar-se em figura principal? Podemos, portanto, concluir que os *Argonautica* principiam com o enaltecimento da dinastia que acompanhou a composição da obra.

Importa determinar ainda a quem o poeta se refere com o pronome *ille* no verso 15. Já a seu tempo exprimiu Langen a sua opinião: *Cum prooemium uiuo Vespasiano scriptum esse appareat ex. 16 et 20, ille necessario is est, qui proxime patri successurus erat, Titus*. O comentador justifica também linguisticamente a sua teoria: *ille autem pronomen interdum ad notionem, quae collocationis ratione habita propior est, refertur si cogitatione remotior uidetur, uelut apud Cic. Tusc. II, 49 (...)*²². Por consequência, os *delubra* não são o templo edificado por Domiciano (*templum gentis Flauiae*), que data de 90. Ussani pensa que se trata do *templum diui Vespasiani*, que Tito começou a construir em 80. Não vemos, contudo, necessidade de identificar os *delubra* com um edifício concreto, embora não aceitemos a tese de Lefèvre. Este defende que o vocábulo é metafórico e relaciona-o com um poema de Domiciano. Mas, na sua interpretação,

²⁰ Cf. Lucr., *De nat. rer.* 5, 54.

²¹ “Domitianus sperni a senioribus iuuentam suam cernens modica quoque et usurpata antea munia imperii omittebat, simplicitatis ac modestiae imagine in altitudinem conditus studiumque litterarum et amorem carminum simulans, quo uelaret animum et fratris se aemulationi subduceret, cuius disparem mitioremque naturam contra interpretabatur.” (Tac., *Hist.* 4, 86). “Simulauit et ipse mire modestiam in primisque poeticae studium, tam insuetum antea sibi quam postea spretum et abiectum, recitauitque etiam publice.” (Suet., *Dom.* 2). Toda a família, aliás, se interessava pelas Letras: Vespasiano recompensou generosamente poetas e artistas (Suet., *Vesp.* 18) e Tito escreveu versos em latim e em grego (Suet., *Tit.* 3).

²² P. Langen, *C. Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon*, Hildesheim, 1964 (1ª ed. Berlin, 1896), p. 19.

torna os versos herméticos, afastando-os do contexto, em que não há um nível de significação simbólico visível. Para Lefèvre *proles tua* e *ille* referem-se ambos à pessoa de Domiciano. Como propõe Wistrand e na sua esteira Cambier, Strand e Kleywegt, preferimos a tese de que se trata de uma profecia das honras divinas prestadas ao imperador e a toda a *gens Flauia*, à semelhança das honras prestadas à *gens Iulia*. Também por isso optamos pela lição *genti*, escolhida por Ehlers, a qual pertence ao manuscrito mais antigo, o carolíngio *Vaticanus latinus 3277* (830-850), em vez de *centum*, variante escolhida por Langen e Courtney.

Uma leitura do proêmio dos *Argonautica* de Valério Flaco impõe uma análise e comentário das variantes que têm sido fixadas pelos filólogos. O sintagma *namque potes* ou *potest* foi colocado ora no verso 11 ora no verso 13 por permuta com *sancte pater*, que lhe é metricamente equivalente. Samuelsson²³, Waszing²⁴ e Courtney²⁵ colocam no verso 11 *namque potes*; Lefèvre, Strand e Ehlers²⁶, seguindo Langen, leem *sancte pater* no verso 11 e deixam *namque potest* (e não *potes*) no verso 13. Concordamos com Kleywegt quando mantém a solução de Courtney, pois o contexto justifica a presença de *sancte pater* no verso 13. Com efeito, parece natural que o poeta fale de Vespasiano como pai, depois de mencionar a sua descendência (*proles tua*). Afastamo-nos, contudo, de Kleywegt e perfilhamos a opinião de Getty²⁷, ao preferirmos a lição *potes* em vez de *potest*, pois, como explica Getty, a expressão *namque potes*, habitual em preces, costuma associar-se ao imperativo de *eripio*²⁸. Além disso, realçar a potestade imperial é mais eficaz para o poeta conseguir a protecção do imperador do que mencionar a sua qualidade de pai.

Outra lição controversa é *ueneranda* no verso 11. Courtney, na tradição de Baehrens (Teubner, 1875), prefere a variante *uenerande*, atributo do imperador. Ehlers, na esteira de Langen (Berlim, 1896), lê *ueneranda*, em concordância com *facta*, que é a lição do *Vaticanus*

²³ Samuelsson, "Studia in Valerius Flaccus", *Eranos* 6, 1905, 72-100.

²⁴ J. H. Waszing "Valerius Flaccus *Argonautica* 1.13", *Mnemosyne* 24, 1971, 297-299.

²⁵ E. Courtney, "On Valerius Flaccus", *Classical Review* 11, 1961, 106-107; Idem, "More on Valerius Flaccus", *Ibid.* 12, 1962, 115-118; Teubner, 1970.

²⁶ W. -W. Ehlers, "Valerius Flaccus", *Lustrum* 16, 1971-72, 105-142; Teubner, 1980.

²⁷ R. J. Getty, "The Introduction to the *Argonautica* of Valerius Flaccus", *Classical Philology* 35, 1940, 259-273.

²⁸ Val. Flacc., *Arg.* 2, 490; 7, 241; cf. Verg., *Aen.* 6, 365-6.

latinus 3277. Esta lição tem, na nossa opinião, a vantagem estilística de incrustar o particípio presente no complemento directo e a vantagem semântica de engrandecer o tema escolhido pelo poeta para a sua epopeia.

A habitual omissão do verbo *sum* leva-nos a preferir a variante *enim* (Courtney) no verso 17, em vez de *erit* (Ehlers), embora não advenha daí nenhuma alteração de leitura. Adoptamos a solução de Kleywegt²⁹ que, seguindo o *Oxoniensis coll. Reg. 314* do século XV, coloca *sed* no princípio do verso 19, em vez de *et si* (Courtney) ou de *seu* (Ehlers), considerando que *Cynosura* e *Helice* se opõem a *signa tu dabis*. Na realidade, a tradicional oposição entre a Grécia, por um lado, e a Fenícia e o Egipto, por outro, leva Kleywegt a preferir a variante *seu... seu* nos versos 19 e 20³⁰, que remonta ao *Vaticanus latinus* 3277.

²⁹ Kleywegt adopta a lição da edição de Lemaire (Paris, 1824).

³⁰ Kleywegt segue Slothouwer, “Animaduersiones criticae in ueteres auctores classicos”, *Acta lit. soc. Rheno-Traj.* 3, 1801, 167-183.

Fazemos, assim, a seguinte leitura do proêmio dos *Argonautica*, de Valério Flaco:

| | |
|--|--|
| <i>Prima deum magnis canimus freta peruia natis fatidicamque ratem, Scythici quae Phasidis oras ausa sequi mediosque inter iuga concita cursus rumpere flammifero tandem consedit Olympo. Phoebe, mone si Cumaeae mihi conscia uatis stat casta cortina domo, si laurea digna fronte uiret. Tuque o pelagi cui maior aperti fama, Caledonius postquam tua carbasa uexit Oceanus, Phrygios prius indignatus Iulos, eripe me populis et habenti nubila terrae, namque potes, ueterumque faue ueneranda canenti facta uirum: uersam proles tua pandit Idumen, sancte pater, Solymo nigrantem puluere fratrem spargentemque faces et in omni turre furentem. Ille tibi cultusque deum delubraque genti</i> | Cantamos as vagas rasgadas primeiro pelos magnum filhos dos deuses e o navio profético, que, ousando procurar as margens do Fásis ³¹ da Cítia e romper a sua plena rota por entre as Rochas Móveis ³² , se fixou finalmente no Olimpo flamejante. Ensina-me, Febo, se o tripé confidente da sacerdotisa de Cumas se ergue para mim numa morada pura, se o loureiro cobre uma frente digna. E tu, que ganhaste maior fama, ao abrires o mar, depois que o Oceano Caledónio ³³ transportou as tuas velas, Oceano antes revoltado com os Julos da Frígia ³⁴ , arranca-me aos povos e à terra nebulosa, tu tens esse poder, e favorece o que canta os feitos veneráveis dos heróis antigos. A tua descendência mostra a Idumeia arrasada ³⁵ , santo pai, e o irmão enegrecido pelo pó de Sólima ³⁶ , a arremessar fachos, a enfurecer-se em cada torre. Em tua honra ele instituirá os cultos dos deuses e santuários |
|--|--|

³¹ Rio da Cólquida.

³² As Simplégades, no Helesponto.

³³ A Caledónia é a parte setentrional da Britânia.

³⁴ Tróia.

³⁵ Região da Palestina.

³⁶ Jerusalém.

*instituet cum tu, genitor, lucebis ab
 omni
 parte poli; neque enim Tyriae
 Cynosura carinae
 certior aut Graeis Helice seruanda
 magistris
 sed tu signa dabis, seu te duce
 Graecia mittet
 seu Sidon Nilusque rates. Nunc
 nostra serenus
 orsa iuues, haec ut Latias uox impleat
 urbes.*

para a família, quando tu, pai, reluzires em
 toda a parte
 do globo. Nem a Cinosura³⁷, mais segura
 para os navios
 tírios³⁸, nem a Hélice³⁹, que os marinheiros
 gregos devem observar,
 mas tu é que emitirás os presságios quer
 seja a Grécia quer seja Sídon⁴⁰
 ou o Nilo⁴¹ a enviarem as frotas sob a tua
 protecção. Favoreças agora
 tranquilamente a nossa empresa, para que
 esta voz encha as cidades do Lácio.

³⁷ Ursa Menor.

³⁸ Navios cartagineses.

³⁹ Ursa Maior.

⁴⁰ Cidade da Fenícia.

⁴¹ Sinédoque para designar o Egipto.